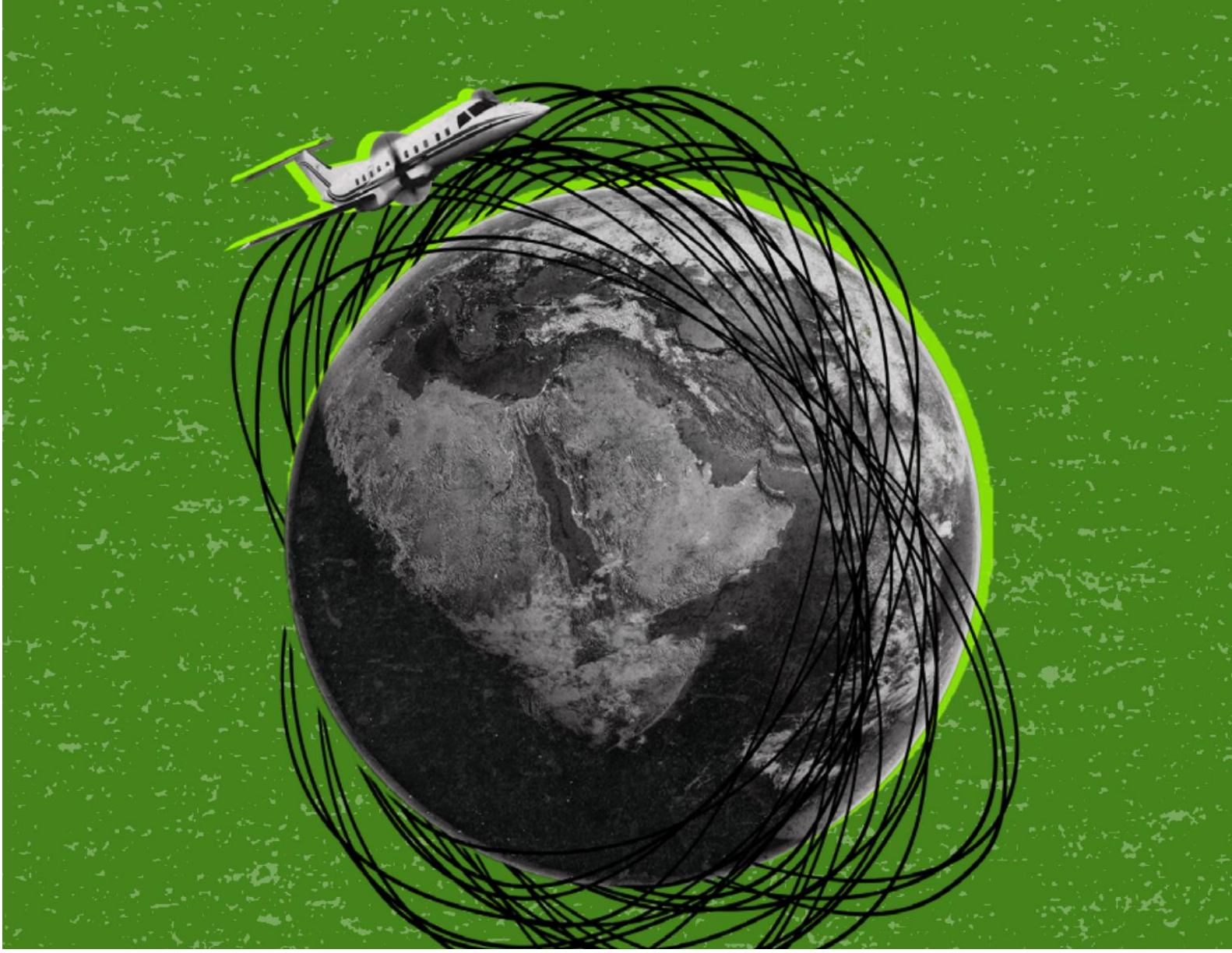

PILHAGEM CLIMÁTICA

Como um pequeno grupo poderoso está a condenar o mundo ao desastre

Síntese

OXFAM

www.oxfam.org

Nota Informativa – Outubro de 2025

© Oxfam International Outubro de 2025

Esta publicação foi escrita por Nafkote Dabi, Alex Maitland e Astrid Nilsson Lewis.

A Oxfam reconhece as contribuições de Adam Musgrave, Alejandra Isibasi, Alex Poidatz, Amina Hersi, Anjela Taneja, Annie Theriault, Ashfaq Khalfan, Cass Hebron, Christian Hallum, Deepak Xavier, Dorothy Hove, Galia García Palafox, Grazielle Custódio, Hanna Nelson, Irit Tamir, Karelia Pallan, Leah Mugehera, Maite Gauto, Margaret Wanjiru, Max Lawson, Mira Alestig, Mwangala Matakala, Naira Wayand, Rune Stahl, Ruth Mhlanga, Sandar Hla, Sean McTernan, Susana Ruiz e Victoria Harnett na sua produção.

Gerente de encomendas: Sian Jones

Gerente de publicação: Emma Kuria

Edição: Emma Seery e Adam Houlbrook

A Oxfam agradece a Anisha Nazareth e Emily Ghosh (Instituto Ambiental de Estocolmo, SEI) pela pesquisa que contribuíram. Visite o Painel de Desigualdade de Emissões do Instituto Ambiental de Estocolmo para obter os dados mais recentes sobre emissões por grupo de renda para mais de 190 países.

Este documento faz parte de uma série de documentos escritos para informar o debate público sobre questões de desenvolvimento e política humanitária.

Para mais informações sobre as questões levantadas neste documento, envie um e-mail para advocacy@oxfaminternational.org

Esta publicação está protegida por direitos autorais, mas o texto pode ser utilizado gratuitamente para fins de defesa, campanha, educação e pesquisa, desde que a fonte seja citada na íntegra. O detentor dos direitos autorais solicita que todas as utilizações sejam registradas junto a ele para fins de avaliação de impacto. Para cópias em quaisquer outras circunstâncias, ou para reutilização em outras publicações, ou para tradução ou adaptação, é necessário obter permissão e poderá ser cobrada uma taxa.

Visite https://policy-practice.oxfam.org/copyright-permissions.

E-mail: policyandpractice@oxfam.org.uk

As informações contidas nesta publicação estão corretas no momento da impressão.

Publicado pela Oxfam GB para a Oxfam International sob o DOI 10.21201/2025.000091.

Oxfam GB, Oxfam House, 2600 John Smith Drive, Oxford, OX4 2JY, UK.

Traduzido da língua inglesa por Diana Tarré.

Imagem da capa desenhada por Julie Brunet.

Síntese

> *"A COP30 será nossa última chance de evitar uma ruptura irreversível no sistema climático."*[1]
> Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente do Brasil e da COP30

As provas de que estamos perante um colapso climático iminente e irreversível são agora incontestáveis: O ano de 2024 marcou a primeira vez em que as temperaturas médias globais ultrapassaram o limite de 1,5 °C estabelecido internacionalmente, assinalou o fim da década mais quente de que há registo[2] e registou um nível histórico máximo de emissões provenientes de combustíveis fósseis.[3]

O mundo está perigosamente próximo de ultrapassar o orçamento de carbono, a quantidade de CO_2 que pode ser libertada para a atmosfera sem provocar uma subida permanente das temperaturas globais acima de 1,5 °C. Se as emissões continuarem aos níveis atuais, restam-nos apenas dois anos antes de esgotarmos o orçamento global de carbono.[4]

Em termos simples, sem uma ação coletiva urgente e liderada pelos governos para enfrentar as emissões, estaremos em breve confrontados com impactos das alterações climáticas cada vez mais catastróficos e irreversíveis.

Os super-ricos estão a esgotar o nosso orçamento climático

Está amplamente comprovado que os países ricos são responsáveis pelas emissões históricas de carbono que provocaram o aumento da temperatura global, mas os *indivíduos* mais ricos do mundo — independentemente do país onde vivam — também contribuíram de forma significativa para este legado perigoso. A análise da Oxfam sobre as emissões baseadas no consumo[5] concluiu que, desde 1990, os 1% mais ricos da população mundial esgotaram 15% do nosso orçamento de carbono.[6] As emissões per capita dos 0,1% mais ricos aumentaram 92 toneladas entre 1990 e 2023, em contraste com um aumento de apenas 0,1 tonelada para a metade mais pobre da humanidade.[7] A percentagem das emissões atribuída aos 1% mais ricos aumentou 13% nesse período, enquanto a percentagem correspondente aos 50% mais pobres diminuiu 3%.[8]

Os números da pilhagem climática

- Desde o Acordo de Paris, em 2015, os 1% mais ricos da população mundial consumiram mais do dobro do orçamento de carbono remanescente do que a metade mais pobre da humanidade junta.[9]

- Desde 1990, a percentagem das emissões dos 1% mais ricos aumentou 13% e a dos 0,1% mais ricos aumentou 32%, enquanto a percentagem correspondente aos 50% mais pobres diminuiu 3%.[10]

- Desde 1990, uma pessoa que faça parte dos 1% mais ricos consumiu mais de 100 vezes o orçamento de carbono de alguém entre os 50% mais pobres e 300 vezes mais do que uma pessoa entre os 10% mais pobres.[11]

- Uma pessoa pertencente aos 0,1% mais ricos do mundo emite mais de 800 quilos de CO_2 por dia. Nem a pessoa mais forte do mundo conseguiria levantar tanto peso. Em contraste, uma pessoa pertencente aos 50% mais pobres do mundo emite, em média, apenas 2 quilos de CO_2 por dia, um peso que até uma criança pequena conseguiria levantar.[12]

- Se toda a gente emitisse como alguém dos 1% mais ricos, o orçamento de carbono esgotar-se-ia em menos de três meses.[13]

- Para que o aquecimento global não ultrapasse o limite máximo de 1,5 °C, a Oxfam prevê que os 1% e os 0,1% mais ricos teriam de reduzir as suas emissões per capita em 97% e 99%, respetivamente, até 2030.[14]

- As emissões resultantes dos investimentos dos 308 multimilionários totalizaram 586 milhões de toneladas de CO_2 e em 2024, mais do que as emissões conjuntas de 118 países; se formassem um país, ocupariam o 15.º lugar entre os mais poluentes do mundo, à frente da África do Sul.[15]

- As emissões anuais médias per capita provenientes dos investimentos de um multimilionário ascendem a 1,9 milhões de toneladas de CO_2 e, o equivalente a 346 000 vezes mais do que as de uma pessoa comum. Estes multimilionários teriam de dar quase 10 000 voltas ao mundo nos seus jatos privados para emitir uma quantidade equivalente.[16]

- Uma pessoa pertencente aos 0,1% mais ricos emite, num só dia, mais do que uma pessoa dos 50% mais pobres emite em todo um ano.[17]

As emissões dos super-ricos são, de forma evidente, insustentáveis. Se todos emitíssemos como os 1% mais ricos, o orçamento de carbono desapareceria em menos de três meses.[18] Restabelecer o equilíbrio das emissões é essencial para ganhar mais tempo rumo a uma transição sustentável e as pessoas mais ricas têm de ser as que reduzem mais e mais depressa. Para manter o aquecimento global dentro do limite máximo de 1,5 °C, a Oxfam prevê que os 1% e os 0,1% mais ricos terão de reduzir as suas emissões per capita em 97% e 99%, respetivamente, até 2030.[19]

As emissões resultantes do consumo são apenas uma parte do problema. As pessoas mais ricas do mundo também dirigem, investem e lucram com as empresas que mais impulsionam as emissões de carbono. As emissões geradas pelos seus portfólios de investimento[20] (empresas nas quais detêm pelo menos 10% de participação) totalizaram 586 milhões de toneladas de CO_2e em 2024 — mais do que as emissões conjuntas de 118 países. As emissões de cada portfólio de investimento foram calculadas através da atribuição das emissões de Âmbito 1 e 2 (as emissões diretas e indiretas de uma empresa; ver Caixa 4) de forma proporcional à dimensão do investimento de cada multimilionário. Isto está em conformidade com as normas recomendadas pelo setor e é utilizado por investidores e fundos de pensões.[21]

A Oxfam identificou igualmente as emissões de Âmbito 3 — que abrangem toda a cadeia de valor — de 222 indivíduos, revelando que as suas emissões totais provenientes de investimentos em 2024 ascenderam a 1,85 mil milhões de toneladas. Este valor equivale a 4% das emissões globais e colocá-los-ia como o quinto país mais poluente do mundo.

É igualmente revelador que quase 60% dos investimentos dos multimilionários se concentrem em "setores de elevado impacto climático",[22] como a mineração ou as empresas de petróleo e gás (em comparação com 49% no Índice Global S&P 1200). Uma avaliação independente dos seus planos de descarbonização revela que dois terços das empresas não estão alinhadas com a meta de 1,5 °C do Acordo de Paris e que um terço possui planos de descarbonização compatíveis com um cenário de aquecimento de 4 °C.[23] Os seus investimentos estão a conduzir o mundo para uma catástrofe climática.

O setor bancário é também um dos principais responsáveis pelo financiamento da crise climática: os 60 maiores bancos do mundo destinaram 7,9 biliões de dólares, ao longo de oito anos (de 2016 a 2023), à indústria dos combustíveis fósseis.[24] Ao contabilizar as emissões de Âmbito 3, que incluem o financiamento de combustíveis fósseis, as três empresas mais poluentes em França eram bancos: BNP Paribas, Crédit Agricole e Société Générale. A empresa de combustíveis fósseis Total ocupava o quarto lugar.[25]

Os super-ricos distorcem as políticas e os termos do debate

As pessoas mais ricas do mundo e as empresas que dirigem exercem também um poder excessivo sobre a formulação de políticas e distorcem o contexto social e político mais amplo em função dos seus interesses.

Nos Estados Unidos, as empresas gastam, em média, 277 000 dólares por ano em ações de lobby contra o clima, sendo as empresas de petróleo e gás natural responsáveis pela grande maioria dessas

atividades.[26] Na África do Sul, as associações industriais têm atuado para atenuar as sanções aplicadas aos emissores que ultrapassam o seu orçamento de carbono e para enfraquecer a Lei das Alterações Climáticas e a Lei do Imposto sobre o Carbono.[27]

Estas dinâmicas enfraquecem igualmente as negociações internacionais sobre o clima. Por exemplo, 1773 lobistas das indústrias do carvão, petróleo e gás obtiveram acesso à 29.ª Conferência das Partes (COP29), um grupo maior do que todas as delegações nacionais, exceto três. E na COP28, dois terços dos participantes nomeados pelo Estado vulnerável ao clima de Palau eram representantes da Amazon, do HSBC e do grupo de lobby empresarial World Green Economy Organization.[28] Esta influência indevida contrasta fortemente com a participação das pessoas mais afetadas pelas alterações climáticas: apenas 180 dos mais de 50 000 participantes na COP29 eram representantes do Fórum dos Povos Indígenas.[29]

A utilização dos mecanismos de resolução de litígios entre investidores e Estados (ISDS) em numerosos tratados de investimento vai ainda mais longe. Trata-se de "tribunais corporativos" internacionais e sigilosos, aos quais muitos países são obrigados a aderir no âmbito de acordos comerciais e de investimento. Estes mecanismos oferecem às empresas meios legais para processar governos que adotem medidas progressistas, por exemplo, alegando que o investimento em energias verdes prejudica os seus lucros. Estas ações são, em geral, movidas contra países de baixo e médio rendimento, são amplamente utilizadas em litígios climáticos e os montantes das indemnizações têm vindo a aumentar.[30] Uma investigação revelou que, dos 120 mil milhões de dólares atribuídos em todas as indemnizações registadas no âmbito do ISDS, 84 mil milhões foram para empresas de combustíveis fósseis e mais 7,8 mil milhões para empresas mineiras.[31] Além disso, o governo da Bolívia foi obrigado a pagar 18,7 milhões de dólares em indemnizações a uma empresa mineira por ter revogado licenças depois de esta ter poluído um espaço sagrado e ameaçado a comunidade indígena.[32]

A influência corporativa exerce-se também através de estratégias de relações públicas amplamente financiadas. Por exemplo, o infame calculador de pegada de carbono da BP promoveu uma narrativa que transferia a responsabilidade climática para os indivíduos.[33] As empresas de combustíveis fósseis e os seus beneficiários gastam igualmente somas avultadas em desinformação climática.[34] Os irmãos Koch, que fizeram a sua fortuna com combustíveis fósseis, doaram mais de 120 milhões de dólares a organizações que atacam a ciência do clima.[35] Em 2024, a cadeia francesa CNews, atualmente propriedade do multimilionário de extrema-direita Vincent Bolloré, ligado ao setor dos combustíveis fósseis, foi multada em 80 000 euros por divulgar desinformação climática.[36]

Talvez ainda mais preocupante seja a tendência de doadores ricos financiarem movimentos de extrema-direita e racistas[37], profundamente céticos em relação às alterações climáticas e contrários às medidas para as combater, com o objetivo de reforçar um ambiente político que

impeça a ação climática, ao mesmo tempo que alimenta o ódio e a divisão.

Provocam crise após crise, enquanto as pessoas mais afetadas são sistematicamente excluídas

As emissões excessivas dos 1% mais ricos estão também a alimentar a fome e a agravar crises económicas e sociais mais amplas. Trinta anos das suas emissões provocaram perdas agrícolas suficientes para alimentar 14,5 milhões de pessoas todos os anos.[38] Só as emissões dos 1% mais ricos em 2019 causarão 1,3 milhões de mortes relacionadas com o calor ao longo do próximo século, sendo as mulheres e as pessoas idosas as mais vulneráveis.[39] Estima-se ainda que as emissões deste mesmo grupo causem, até 2050, prejuízos económicos de 44 biliões de dólares nos países de baixo e médio-baixo rendimento.[40]

As pessoas que menos contribuíram para as alterações climáticas — as mais pobres, as mulheres, as comunidades racializadas e os povos indígenas — são as primeiras e as mais gravemente afetadas pelos seus impactos. Contudo, são também as que têm menos poder para influenciar as respostas políticas às crises interligadas do clima e da desigualdade. Estas pessoas estão na linha da frente e desempenham um papel essencial na proteção dos ecossistemas, no reforço da resiliência e na concretização de respostas comunitárias de baixo carbono à crise climática. Sem a participação efetiva e significativa da sociedade civil e dos grupos afetados, e sem políticas que reforcem as suas vozes e o seu espaço de influência, não poderá haver uma transição justa.

Mas uma transformação equitativa e justa ainda é possível

As evidências são claras: é urgente agir para evitar um colapso climático total e as desigualdades extremas de poder e de riqueza que hoje existem estão a comprometer o progresso. A própria existência de uma riqueza extrema está a amplificar as emissões, e as mesmas ideologias e dinâmicas de poder que alimentam a desigualdade permitem às empresas e aos seus proprietários ricos escapar à regulamentação e manter o mundo dependente dos combustíveis fósseis. Os governos de todo o mundo devem romper este ciclo vicioso.

Os governos são instados a:

1. **Reduzir as emissões dos super-ricos para enfrentar as crises climática e de desigualdade**. Isto inclui:
    - Aumentar os impostos sobre as pessoas mais ricas do mundo,

através da introdução de impostos progressivos permanentes sobre o rendimento e o património.

- Implementar impostos permanentes sobre os lucros excessivos das grandes empresas, fixando uma taxa de 50% sobre os rendimentos que excedam 10% do total dos ativos.
- Aumentar os impostos sobre, ou proibir totalmente, produtos e atividades de luxo com elevado impacto de carbono, como jatos privados e superiates.

2. **Conter a influência económica e política dos super-ricos**. Isto inclui:
   - Restringir ou proibir as doações corporativas e o lobby das empresas de combustíveis fósseis, bem como impedir a sua participação nas negociações climáticas.
   - Limitar o controlo dos meios de comunicação por parte de grandes poluidores, incluindo a proibição ou regulamentação rigorosa da publicidade enganosa de "greenwashing".
   - Rejeitar os mecanismos de resolução de litígios entre investidores e Estados (ISDS), excluindo tais cláusulas de todos os futuros tratados.
3. **Investir numa governação democrática centrada nas pessoas.** Isto inclui:
   - Garantir à sociedade civil um lugar à mesa nos processos de planeamento e tomada de decisão sobre o clima, em todos os níveis.
   - Reforçar o poder e a voz da sociedade civil, protegendo e mantendo ativamente o espaço cívico.
   - Adotar políticas que abordem os impactos desproporcionais das alterações climáticas sobre mulheres, raparigas, pessoas não binárias e comunidades racializadas.
4. **Adotar uma abordagem de partilha equitativa do orçamento climático remanescente.** Isto inclui:
   - Assumir, na COP30, contribuições determinadas a nível nacional (NDCs) que reflitam as emissões históricas, a capacidade de atuação e a equidade dentro de cada país.
   - Comprometer-se a utilizar o orçamento de carbono remanescente para combater a pobreza, a desigualdade e a crise climática.
   - Garantir que os países ricos disponibilizem igualmente financiamento climático ambicioso, bem como tecnologias e patentes que promovam condições de maior equidade.
5. **Construir um sistema económico que coloque as pessoas e o planeta em primeiro lugar.** Isto inclui:
   - Rejeitar a economia neoliberal dominante e adotar um papel proativo do Estado na orientação da economia rumo à sustentabilidade e à equidade.
   - Definir metas ambiciosas para uma redução significativa e sustentada da disparidade entre as pessoas mais ricas e o restante da população mundial.

- Reequilibrar instituições globais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio (OMC), de modo a garantir que os países do Sul Global disponham da autonomia de que necessitam.

Notas

[1] Cimeira de Líderes do G20 no Brasil. (19 de novembro de 2024). *"A COP30 será nossa última chance de evitar uma ruptura irreversível no sistema climático", convoca Lula na última sessão temática da Cúpula de Líderes do G20 Brasil.* Consultado em 26 de junho de 2025. https://www.gov.br/g20/pt-br/noticias/a-cop30-sera-nossa-ultima-chance-de-evitar-uma-ruptura-irreversivel-no-sistema-climatico-convoca-lula-na-ultima-sessao-tematica-da-cupula-de-lideres-do-g20-brasil

[2] Organização Metereológica Mundial (OMM). (10 de janeiro de 2025) *WMO confirms 2024 as warmest year on record, about 1.55°C above pre-industrial levels*. Comunicado de imprensa. Consultado em 26 de junho de 2025. https://wmo.int/news/media-centre/wmo-confirms-2024-warmest-year-record-about-155degc-above-pre-industrial-level

[3] A. Morrison. (13 de novembro de 2024). *Fossil fuel CO_2 emissions increase again in 2024*. Universidade de Exeter. Consultado em 26 de junho de 2025. https://news.exeter.ac.uk/faculty-of-environment-science-and-economy/fossil-fuel-co2-emissions-increase-again-in-2024

[4] Com base na estimativa de um orçamento de carbono remanescente (RCB) de 50%, correspondente a 130 Gt de CO_2, esse limite seria atingido em pouco mais de dois anos se as emissões globais de CO_2 se mantiverem nos níveis de 2024 (42 Gt CO_2/ano); ver Tabela 1 em P.M. Forster, C. Smith, T. Walsh, W.F. Lamb, R. Lamboll, C. Cassou, M. Hauser, Z. Hausfather, J.-Y. Lee, M.D. Palmer, et al. (2025). '*Indicators of Global Climate Change 2024: Annual Update of Key Indicators of the State of the Climate System and Human Influence*.' *Earth System Science Data*, 17(6), 2641–80. Consultado em 26 de junho de 2025. https://essd.copernicus.org/articles/17/2641/2025

[5] As emissões baseadas no consumo de um país incluem as emissões territoriais e as emissões resultantes das importações, excluindo as emissões provenientes das exportações.

[6] *Climate Plunder Methodology Note*, Table 2.

[7] *Climate Plunder Methodology Note*, Stat 1.5.

[8] *Climate Plunder Methodology Note*, Table 4.

[9] *Climate Plunder Methodology Note*, Stat 1.

[10] *Climate Plunder Methodology Note*, Table 4.

[11] *Climate Plunder Methodology Note*, Stat 1.1.

[12] *Climate Plunder Methodology Note*, Stat 1.7.

[13] *Climate Plunder Methodology Note*, Stat 1.8.

[14] *Climate Plunder Methodology Note*, Stat 1.10.

[15] *Climate Plunder Methodology Note*, Stat 2.2.1.

[16] *Climate Plunder Methodology Note*, Stat 2.2.2.

[17] *Climate Plunder Methodology Note*, Stat 1.11.

[18] *Climate Plunder Methodology Note*, Stat 1.8.

[19] *Climate Plunder Methodology Note*, Stat 1.10.

[20] Esta investigação baseia-se em trabalhos anteriores da Oxfam sobre as emissões associadas aos investimentos de multimilionários. A. Maitland, M. Lawson, H. Stroot, A. Poidatz, A. Khalfan e N. Dabi. (2022). *Carbon Billionaires: The Investment Emissions of the World's Richest People*. Oxfam. Consultado em 15 de agosto de 2025. https://policy-practice.oxfam.org/resources/carbon-billionaires-the-investment-emissions-of-the-worlds-richest-people-621446; M. Alestig, N. Dabi, A. Jeurkar, A. Maitland, M. Lawson, D. Horen Greenford, C. Lesk and A. Khalfan. (2024). *Carbon Inequality Kills: Why Curbing the Excessive Emissions of an Elite Few Can Create a Sustainable Planet for All*. Oxfam International. Consultado em 26 de junho de 2025. https://policy-practice.oxfam.org/resources/carbon-inequality-kills-why-curbing-the-excessive-emissions-of-an-elite-few-can-621656

[21] Greenhouse Gas Protocol. (2011). 'Category 15: Investments'. Em*Technical Guidance for Calculating Scope 3 Emissions*, 136–52. World Resources Institute e World Business Council for Sustainable Development. Consultado em 8 de julho de 2025 em https://ghgprotocol.org/sites/default/files/standards_supporting/Chapter15.pdf

[22] Com base em S&P Dow Jones Indices. (s.d.). *S&P Global Trucost Climate Impact Sectors Classification*. Consultado em 15 de junho de 2025.

https://www.spglobal.com/spdji/en/documents/additional-material/trucost-climate-impact-sectors-classification.pdf

[23] *Climate Plunder Methodology Note*, Stat 2.2.3.

[24] Banking on Climate Chaos. (2025). *Fossil Fuel Finance Report 2025*. Consultado em 26 de junho de 2025. https://www.bankingonclimatechaos.org

[25] A. Poidatz e T. Dauphin. (2021). *Climat: CAC degrés de trop – Le modèle insoutenable des grandes entreprises françaises*. Oxfam France. [Francês]. Consultado em 8 de julho de 2025 em https://www.oxfamfrance.org/app/uploads/2021/03/rapportOXFAM_CACdegresdetrop_VFF.pdf

[26] M. Leippold, Z. Sautner e T. Yu. (13 de agosto de 2024). *Corporate Climate Lobbying*. Artigo de Investigação No. 24–14 do Swiss Finance Institute, Documento de Trabalho em Finanças No. 960/2024 do European Corporate Governance Institute. Artigo de Investigação do Swiss Finance Institute e European Corporate Governance Institute. Consultado em 8 de julho de 2025 em https://papers.ssrn.com/sol3/Delivery.cfm/4711812.pdf?abstractid=4711812&mirid=1

[27] InfluenceMap. (9 de fevereiro de 2023) *Industry lobbying imbalance putting South Africa's climate goals at risk*. Comunicado de imprensa. Consultado em 26 de junho de 2025. https://influencemap.org/pressrelease/Industry-Lobbying-Imbalance-Putting-South-Africa-s-Climate-Goals-At-Risk-21162

[28] Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC). (2023). *Provisional list of registered participants: on-site participants – United Arab Emirates Nov/Dec 2023*. Consultado em 26 de junho de 2025. https://unfccc.int/documents/634503

[29] P. Dupraz-Dobias. (22 de novembro de 2024). *At COP29, Indigenous communities want a say as disaster fund lifts off*. Geneva Solutions. Consultado em 26 de junho de 2025. https://genevasolutions.news/climate-environment/at-cop29-indigenous-communities-want-a-say-as-disaster-fund-lifts-off

[30] Conferências das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD). (9 de setembro de 2024). *Compensation and damages in investor–state dispute settlement proceedings*. Consultado em 26 de junho de 2025. https://investmentpolicy.unctad.org/news/hub/1746/20240909-compensation-and-damages-in-investor-state-dispute-settlement-proceedings

[31] P. Greenfield e P. Weston. (5 de março de 2025). *Revealed: how Wall Street is making millions betting against green laws*. The *Guardian*. Consultado em 26 de junho de 2025. https://www.theguardian.com/environment/2025/mar/05/revealed-how-wall-street-is-making-millions-betting-against-green-laws-isds-aoe

[32] Ibid.

[33] M. Kaufman. (n.d.). *The carbon footprint sham*. Mashable. Consultado em 15 de agosto de 2025 https://mashable.com/feature/carbon-footprint-pr-campaign-sham

[34] Union of Concerned Scientists. (2007). *Smoke, Mirrors & Hot Air: How ExxonMobil Uses Big Tobacco's Tactics to Manufacture Uncertainty on Climate Science*. Consultado em 26 de junho de 2025. https://www.ucsusa.org/sites/default/files/2019-09/exxon_report.pdf

[35] Greenpeace USA. (n.d.). *Koch-funded climate denial front groups*. Consultado em 26 de junho de 2025. https://www.greenpeace.org/usa/climate/climate-deniers/front-groups

[36] S. O'Donoghue. 12 de julho de 2024). *France's CNews fined for broadcasting climate scepticism unchallenged*. Euronews. Consultado em 26 de junho de 2025. https://www.euronews.com/green/2024/07/12/frances-cnews-fined-for-broadcasting-climate-scepticism-unchallenged

[37] A. Shah. (10 de dezembro de 2023). *The 'dark money ATM of the right' is funneling money to hate groups while hiding donor identities*. Salon. https://www.salon.com/2023/12/10/the-dark-money-atm-of-the-right-is-funneling-money-to-hate-groups-while-hiding-donor-identities

[38] M. Alestig, N. Dabi, A. Jeurkar, A. Maitland, M. Lawson, D. Horen Greenford, C. Lesk e A. Khalfan. (2024). *Carbon Inequality Kills: Why Curbing the Excessive Emissions of an Elite Few Can Create a Sustainable Planet for All*. Oxfam International. Consultado em 26 de junho de 2025. https://policy-practice.oxfam.org/resources/carbon-inequality-kills-why-curbing-the-excessive-emissions-of-an-elite-few-can-621656

[39] Ibid.

[40] Ibid.

Sobre a Oxfam

A Oxfam é um movimento global de pessoas que lutam contra a desigualdade para pôr fim à pobreza e à injustiça. Trabalhamos em mais de 70 países, em diversas regiões, com milhares de parceiros e aliados, apoiando comunidades a construir vidas melhores, a fortalecer a sua resiliência e a proteger vidas e meios de subsistência, mesmo em tempos de crise. Para obter mais informações, entre em contacto com as agências ou visite www.oxfam.org.

Oxfam América (www.oxfamamerica.org)

Oxfam Austrália (www.oxfam.org.au)

Oxfam Brasil (www.oxfam.org.br)

Oxfam Colômbia (www.oxfamcolombia.org)

Oxfam Alemanha (www.oxfam.de)

Oxfam Hong Kong (www.oxfam.org.hk)

Oxfam Índia (www.oxfamindia.org)

Oxfam Irlanda (www.oxfamireland.org)

Oxfam México (www.oxfammexico.org)

Oxfam Québec (www.oxfam.qc.ca)

Oxfam KEDV (www.kedv.org.tr)

Oxfam Aotearoa (www.oxfam.org.nz)

Oxfam-i(Bélgica) n-Belgium (www.oxfamsol.be)

Oxfam Canadá (www.oxfam.ca)

Oxfam França (www.oxfamfrance.org)

Oxfam GB (www.oxfam.org.uk)

Oxfam Dinamarca (www.oxfam.dk)

Oxfam Intermón (Espanha) (www.oxfamintermon.org)

Oxfam Itália (www.oxfamitalia.org)

Oxfam Novib (Holanda) (www.oxfamnovib.nl)

Oxfam África do Sul (www.oxfam.org.za)

Oxfam Filipinas (www.oxfam.org.ph)